

---

## O MACACO E A ESSÊNCIA OU A CRISE DO FUTURO TECNOLÓGICO: UMA LEITURA DO ROMANCE DISTÓPICO DE ALDOUS HUXLEY

Adolfo José de Souza Frota<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar o tema da distopia no romance *O macaco e a essência*, do autor inglês Aldous Huxley. Conhecido mundialmente por narrativas como *Admirável mundo novo* e *As portas da percepção*, Huxley constrói um futuro pessimista a partir da concepção de que o progresso e o nacionalismo são duas forças fundamentais que levam a humanidade para a destruição. O mundo concebido por sua imaginação crítica vislumbra um futuro em que poucos sobreviventes vivem sob os escombros da civilização ocidental. Um grupo da Nova Zelândia, que não foi afetado pela destruição nuclear, descobre a existência de ditadores e mutantes. E o que seria uma viagem de redescoberta do oeste se torna uma sagaz crítica do constante perigo experimentado por aqueles que viveram sob a ameaça da Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Utopia, distopia, progresso, nacionalismo, destruição.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the theme of dystopia in the novel *Ape and Essence*, by Aldous Huxley. Known throughout the world due to narratives as *Brave New World* and *The Doors of Perception*, Huxley creates a pessimist future from the conception that the progress and the nationalism are two fundamental forces that lead humanity to destruction. The world created by his critic imagination imagines a future in which a few survivors live under the wreckage of Western civilization. A group from New Zealand, spared by the nuclear destruction, discover the existence of dictators and mutants. And what it would be the journey of rediscovering of the Western hemisphere becomes a sagacious critic on the constant danger of those who lived under the menace of the Cold War.

**Keywords:** Utopia, dystopia, progress, nationalism, destruction.

Mais conhecido pelo romance futurista *Admirável mundo novo*, o autor inglês Aldous Huxley se notabilizou pela profunda e crítica análise da sociedade ocidental da metade do século XX. Dono de uma visão aguçada, Huxley, literariamente, projetou uma visão pessimista e distópica do progresso tecnológico da humanidade. Se em *Admirável mundo novo*, a sociedade substituíra as relações afetuosas por uma forma automatizada de afetividade sem compromisso, onde a tecnologia era capaz de produzir

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras – UFG, bolsista FAPEG e professor da UEG. Email: adolfo\_thedrifter@yahoo.com.br.

---

crianças sem a necessidade da gestação, em seu romance *O macaco e a essência*, a narrativa se distingue por sugerir uma segunda possibilidade de futuro para o mundo. Nesse novo aspecto, a tecnologia se torna o instrumento de autodestruição e extermínio para tudo aquilo que se imagina como civilização, e um retorno inevitável para a barbárie, que caracteriza a decadência humana, tanto física quanto moralmente.

A decadência física ocorre pela exposição prolongada das células vivas aos raios gama, pernicioso e mortal, capaz de mutações genéticas irreversíveis. A decadência moral se concretiza em dois aspectos: a partir da substituição da liturgia cristã tradicional pelo culto à Satanás, ou Belial, como as personagens assim o denominam; pela degradação das relações familiares e o senso que os seres humanos, e aqui me refiro aos ocidentais, têm sobre amor e sexo.

Alguns aspectos comuns às narrativas distópicas são facilmente encontrados: a falta de liberdade dos membros da sociedade, a substituição radical de valores humanitários e direitos conquistados, o pessimismo predominante nos diálogos e na tessitura do enredo, a perda da noção de tempo, a falta de perspectiva de mudança ou melhoria do mundo, o espaço destruído e sem vida, o constante perigo de morte, entre outros.

O objetivo desse trabalho é analisar os principais elementos que contribuem e justificam a ideia de que *O macaco e a essência* é um romance distópico que analisa uma segunda faceta do pessimismo de Huxley diante do rápido desenvolvimento tecnológico. Concebido, primordialmente, para melhorar a vida das pessoas, a ciência não deixa também de representar um constante perigo para os seus criadores. Não é difícil imaginar que a proposta de Huxley, ao representar a decadência da civilização, não coincida com o poderio bélico concebido para a destruição em massa. Se o papel

nobre da ciência é trazer benefícios duradouros e eficientes, por outro lado, ela também possibilita a sua contrapartida mortal. A narrativa de Huxley exhibe um quadro ficcional que alerta para um resultado inevitável, caso os países continuem o desenvolvimento de tecnologia de guerra. De certa forma, o romance distópico desconstrói a noção de evolução da humanidade ao apresentar um mundo em crise após um colapso atômico. Mais do que isso, a representação humana é rebaixada ao nível animal: são babuínos que comandam as forças armadas.

Em *O macaco e a essência*, há a representação de um mundo tipicamente de romance pessimista, que vai de encontro à ideia utópica da representação de uma sociedade futurista (ou do passado) melhor do que a atual, pois a filosofia e a religião foram duas das possíveis responsáveis pela idealização de um mundo em que reina a igualdade de direitos, a felicidade e a liberdade, algo que até agora não foi possível. Conforme texto por mim escrito (2012), a configuração do discurso utópico é remetida sempre ao passado distante da humanidade ou ao futuro, nunca ao presente. Quando se remete ao passado, há sempre um tom de descontentamento pela ação humana que levou o homem a perder a felicidade plena. Quando menciona o futuro, denuncia sempre uma nuance otimista. Ao se referir ao presente, a filosofia pode demonstrar, teoricamente, como pode ser uma sociedade ideal desde que ela siga determinadas regras. Entretanto, o lugar onde é possível encontrar a sociedade perfeita é distante, ou quiçá esteja inacessível pela sua inexistência. Jerzy Szach (1972, p. 24-25) sugere dois tipos de utopia bem comuns: a de tempo e a de espaço. A utopia de tempo (*ucronia*, conforme explanação do autor na página 49) é aquela que desloca a idealização para um tempo passado ou futuro, já na de espaço, o deslocamento é espacial.

Outro ponto fundamental da utopia se refere a sua amplitude discursiva, já que é possível observar ecos da idealização da sociedade perfeita não apenas na representação da ação do homem. Existe, conseqüentemente, o conceito da maior proximidade com o divino. Nesse caso, a religião tem papel fundamental na construção da utopia enquanto instrumento que estimula a reflexão do comportamento do ser humano. Por outro lado, ela alerta o homem que, quanto mais distante da força cósmica, mais a humanidade é assolada por todo tipo de mazela, das ações perniciosas do próprio homem aos efeitos imediatos desse distanciamento (FROTA, 2012).

Definir o significado de utopia é uma tarefa difícil. O próprio caráter de representação inibe qualquer possibilidade de uma única definição: “À medida que a história satura o pensamento histórico, nem uma única definição pode determinar sua essência” (2007, p. 10), é o que aponta o professor Russel Jacoby.

O romance de Huxley está dividido em dois capítulos. O primeiro deles, “Tallis” apresenta dois intelectuais do cinema, o narrador e Bob Briggs que, no dia da morte de Ghandi (30/01/1948), resgatam o roteiro de William Tallis intitulado “O macaco e a essência” que caíra de um caminhão com vários outros textos recusados. O segundo capítulo é a reprodução *ipsis literis* do roteiro e onde se encontra a história principal.

Nessa segunda parte, os babuínos obrigam dois Einsteins a detonarem a bomba atômica, o que causa a quase completa destruição da terra. É evidente, aqui, que Huxley representa o ser humano tecnologicamente desenvolvido como um animal. É uma crítica ao fato de que o avanço progressista e, conseqüentemente, beligerante aproxima o homem de sua essência animalésca e brutal.

---

Apenas a Nova Zelândia havia sido poupada da aniquilação devido à distância em relação aos outros países (europeus e norte-americano) e à “insignificância” para o cenário mundial. A narrativa apresenta os momentos que antecedem a detonação da bomba atômica e, em seguida, avança para o ano 2018, quando uma expedição do país sobrevivente chega à Califórnia com o objetivo de verificar o resultado da detonação ocorrida no século anterior.

São poucas personagens: o dr. Alfred Poole é um especialista em botânica que visita a Califórnia, mas é capturado por um grupo de sobreviventes. Entre esses remanescentes estão Loola, uma moça por quem ele se apaixona, o Chefe do grupo e o Arquivigário. Poole percebe que o grupo havia retornado à barbárie e um conjunto de regras severas fora implantado para conter a proliferação de mutantes. A democracia fora substituída pela ditadura, embora fique acordado de que aquele regime imposto era uma democracia. Na verdade, ocorre a subversão de valores e algumas conquistas da humanidade, como o direito de escolha do parceiro afetivo, fora abolido. Da mesma forma que ocorre em *Admirável mundo novo*, as personagens não se ligavam amorosamente. Entretanto, em *O macaco e a essência*, qualquer manifestação era condenada. As relações sexuais eram controladas pelo Arquivigário e somente no dia de Belial era possível essa prática. Na verdade, ocorria a promiscuidade e ela era até incentivada.

O que caracteriza esse romance como uma narrativa distópica é o seu caráter de reação a qualquer conceito otimista de que o progresso e o avanço tecnológico servem à humanidade e deixam-na melhor. O mundo descrito nesse romance, assim como em outros de caráter distópico, é apresentado como o pior de todos. Para a compreensão dos elementos de

composição de uma narrativa distópica, faz-se necessário conhecer a origem do pensamento utópico, o que, conseqüentemente, me levará a comentar o sentido de distopia, pois ambas apresentam uma raiz comum.

### **O conceito de utopia/distopia**

O termo “utopia” foi cunhado pelo filósofo inglês Thomas More quando ele publicou *A utopia*, livro que consagrou para falar de um continente imaginado que, na verdade, não existe. A palavra ganhou um sentido pejorativo. Por esse motivo, é comum chamarmos de utopia algo inexistente. Conforme Marilena Chauí (2012), o significado negativo atribuído ao termo utopia indica seu traço definidor, ou seja, o do não-lugar “que nada tem em comum com o lugar em que vivemos, a descoberta do absolutamente outro, o encontro com a alteridade absoluta”.

As utopias, no sentido da projeção espacial, são aqueles posicionamentos sem lugar verdadeiro. Conforme Michel Foucault (2009, p. 414-415), as utopias são “posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa”. Em outras palavras, as utopias representam “a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais”.

Conforme JerzySzachi (1972, p. 8),

[a] palavra *utopia* costuma ser aplicada também a qualquer visão de uma sociedade melhor sem que se leve em conta a questão da chance que tem de ser realizada. “Utopias”, neste sentido serão todos os sistemas baseados numa oposição frente às relações atualmente existentes e na proposição de outras mais adequadas às necessidades humanas fundamentais.

---

A ilha imaginada por More assimila a idealização humana de um lugar onde todos os homens são iguais, onde não existe pobreza. O bem é coletivo, dividido democraticamente entre todos, sem distinção e privilégio. Há no país a escolha de seus representantes que não se diferenciam dos demais cidadãos, pois não há pobreza e nem riqueza, apenas o bem-estar de todos. O dinheiro também não existe por a economia ser baseada no sistema de trocas. O ouro é artigo comum e sem grande valor. Cada clã é responsável pela confecção ou produção de determinado bem compartilhado por todos. Todas as decisões também são coletivas (FROTA, 2012).

O que é possível observar nesse texto de More assim como em qualquer outro texto utópico é aquilo que Szachi (1972, p. 12) postula como “uma profunda dissonância entre a utopia e a realidade”. Ou seja, o autor de utopias não aceita o mundo em que vive e também não se satisfaz com as possibilidades existentes, por isso, ele sonha, antecipa, projeta, experimenta: “É justamente este ato de desacordo que dá vida à utopia. Ela nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser; entre o mundo que é, e o mundo que pode ser pensado (SZACHI, 1972, p. 13).

A ideia de More não é uma novidade. É possível encontrar uma origem filosófica mais antiga do que a publicação do autor inglês. Na Grécia, por exemplo, o texto *A república*, de Platão, foi uma obra importante para a filosofia praticada no Ocidente, o que também influenciou a composição de *A utopia*, de Thomas More. Através de Sócrates, a personagem principal, Platão defende um ponto de vista polêmico para a construção dessa sociedade: a presença de filósofos no poder por serem estes capazes de governar, com justiça, a república.

O livro traz uma série de soluções para o aprimoramento da sociedade. Porém, um exame não muito minucioso encontrará vários

conceitos de organização dessa sociedade que desrespeitam conquistas posteriores do ser humano, mesmo que essas conquistas possam parecer utópicas. Sócrates defende a tese do infanticídio como forma de controle de natalidade e meio de fornecer a cidade uma prole sadia e vigorosa. Os guerreiros mais fortes têm papel de destaque, pois estes poderão ter quantas mulheres quiserem e poderão espalhar seus descendentes. Já aos cidadãos “medíocres” poderão ter filhos apenas através de sorteios. De qualquer forma, homens e mulheres serão designados para cuidar dos recém-nascidos, cortando qualquer vínculo afetivo familiar. Caso alguma criança nasça com deformidade, terá como destino um paradeiro desconhecido (PLATÃO, 2004, p. 163). Na verdade, é possível constatar que o conceito de ideal varia entre sociedades e tempos.

Além disso, é válido ressaltar o tom de crítica platônico (e de outros autores que discutiram o mesmo tema, como Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*) endereçada à sociedade grega da época. Segundo Russel Jacoby,

as utopias literárias não se limitam a conclamar os cidadãos a levar uma vida correta. Ao preverem um outro mundo, as utopias gregas implicitamente criticam o estado da sociedade. Quanto e com que finalidade? Esse é o enigma básico da tradição utópica. Em que medida os sonhos utópicos são um ataque ao aqui e agora, à realidade medíocre e não-utópica, e em que medida eles são imaginações de um futuro? (2007, p. 75)

Um dos problemas, a meu ver, suscitados pela leitura de *A república*, é a total ausência da democracia, pelo menos daquilo que imagino ser democracia, o poder do povo e a liberdade de opinião e de comportamento. Ao contrário do que se pode imaginar, a sociedade perfeita platônica aboliria qualquer indício de igualdade pela existência de uma



nítida pirâmide social. Além disso, o controle de natalidade seria imperioso, o que fere a noção moderna da liberdade de relação sexual/afetiva:

Sócrates – De acordo com os nossos princípios, é necessário tornar as relações muito frequentes entre os homens e as mulheres de elite, e, ao contrário, bastante raras entre os indivíduos inferiores de um e outro sexo; além do mais, é necessário educar os filhos dos primeiros, e não os dos segundos, se quisermos que o rebanho atinja a mais elevada perfeição; e todas estas medidas deverão manter-se secretas, salvo para os magistrados, a fim de que, tanto quanto possível, a discórdia não se insinue entre os guerreiros. (PLATÃO, 2004, p. 162)

Platão reconhece que o plano para o desenvolvimento dessa cidade é ilusório, algo improvável de acontecer (2004, p. 150-151). No final do livro IX, Glauco, um dos ouvintes da palestra de Sócrates, comenta não saber da existência de um sistema de governo moldado a partir dessa filosofia: “Compreendo. Tu falas da cidade cujo plano traçamos e que se fundamenta apenas nos nossos discursos, visto que, tanto quanto sei, não existem em parte alguma da terra” (PLATÃO, 2004, p. 319).

O livro de Platão foi determinante para a criação de *A utopia*, que deu origem e significado pejorativo ao vocábulo. É provável que *A república* tenha inspirado Thomas More. Inclusive, More reconhece a improbabilidade de que o seu conceito de perfeição social seja aplicável: “sou obrigado a reconhecer que há, na república da Utopia, muitas coisas que eu desejaria para os nossos países, considerando-se ainda que a minha expectativa vai além da minha esperança de o conseguir” (MORE, 2005, p. 113).

Esse posicionamento de Platão e More é típico do autor utópico. Conforme escreve Karl Mannheim,

[o]s representantes de uma ordem dada irão rotular de utópicas todas as concepções de existência *do seu ponto-de-vista* que jamais poderão, por princípio, se realizar. De acordo com esta utilização, a conotação contemporânea do termo “utópico” é predominantemente a de uma idéia em princípio irrealizável. (1972, p. 220, grifo do autor)

O livro de More (2005) traz como personagem principal, Rafael Hitlodeu, que narra suas experiências na ilha de Utopia. Rafael assegura não ter conhecido civilização mais perfeita que a de Utopia, a cidade onde as casas não possuem fechaduras. A ilha do rei Utopos não emprega o comércio a partir de dinheiro, e sim por permutas. As leis, sendo justas e bem empregadas, excluem a necessidade de advogados e procuradores. As roupas são coletivamente iguais sem distinção entre a nobreza e a plebe. Todas as religiões são permitidas. Mesmo que o cristianismo seja a religião oficial, não é admitido o desprezo das outras. Caso algum cristão diga que sua religião é superior, é punido imediatamente (algo que em si soa contraditório, pois fere a liberdade de expressão). A maior demonstração de liberdade religiosa está no fato de que todos os membros da comunidade, de diferentes religiões, utilizam o mesmo templo, em horários diferentes.

Por outro lado, existem aspectos interessantes que precisam ser mencionados. Esses aspectos contribuem para a ideia de que a perfeição, para determinados autores, nem sempre coaduna com a uma visão “mais moderna”. Na cidade de Utopia, existe a escravidão, a pena de morte, o controle de natalidade, a falta de liberdade de ir e vir, a proibição de que os suicidas sejam enterrados.

Mesmo apontando alguns fatores inusitados da ideologia utópica de More e Platão, é preciso, da mesma forma, enfatizar um aspecto primordial na concepção da teoria utópica: a sua incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre. Essa tese é de Karl Mannheim (1972, p.

216), que analisa o estado de espírito utópico como sendo aquele que se orienta para objetos que não existem na situação real. O autor alerta:

Contudo, não devemos encarar como utópico todo estado de espírito que esteja em incongruência com a situação imediata e a transcenda (e, neste sentido, “afastado da realidade”). Iremos referir como utópicas somente aquelas orientações que, transcendendo a realidade, tendem, se se transformarem em conduta, a abalar, seja parcial ou totalmente, a ordem de coisas que prevaleça no momento.

De uma forma geral, existem dois conceitos que abrangem a sociedade: a “topia”, ou seja, a ordem social em curso e a “utopia”, quer dizer, as imagens desiderativas que assumem uma função revolucionária, que exprimem o desejo de revolução e de alteração do *status quo* (MANNHEIM, 1972, p. 217). As utopias assumem uma posição em que a situação social é transcendida, “pois também orientam a conduta para elementos que a situação, tanto quanto se apresente em dada época, não contém” (MANNHEIM, 1972, p. 219).

Vale lembrar que a utopia é caracterizada a partir de um ponto de vista. Conforme coloquei anteriormente, o conceito de sociedade ideal de Platão e More compreende aspectos que são inconcebíveis para a sociedade atual, como a escravidão e o controle de natalidade ostensiva, somente para citar dois deles. Conforme Mannheim (1972, p. 220), a tentativa de se determinar o significado de utopia revela “o sistema de pensamento que representa a posição do pensador em questão e especialmente as valorações políticas subjacentes a este sistema de pensamento” (1972, p. 220).

Existe, por outro lado, uma utopia negativa denominada distopia ou antiutopia. Há duas fontes que defendem momentos históricos diferentes para o surgimento do termo distopia. O *Online EthimologyDictionary* (2013), ao se referir ao verbete “dystopia”, informa que a palavra foi criada

---

pelo membro do parlamento inglês John Stuart Mill, em 1868. Já Russel Jacoby (2007, p. 32-34), afirma que essa palavra pertence ao século XX, quando J. Max Patrick, coeditor de uma antologia de obras utópicas, criou a palavra distopia como o contrário de utopia.

Russel Jacoby (2007, p. 33), descarta qualquer ideia de oposição entre distopia e utopia, pois, segundo ele, Patrick se referia a uma utopia satírica. O prefixo “dis-”, de forma alguma, tem o mesmo significado de “anti-”. Como exemplo, Jacoby demonstra que as palavras com o prefixo “dis-”, quando derivadas de uma raiz grega e que significa doença ou imperfeição, são formas distorcidas de algo que é desejável ou saudável. Como exemplo, ele toma a palavra dislexia, ou seja, a dificuldade de leitura e escrita. De forma alguma, a dislexia sugere que se deve deixar de ler. A mesma coisa acontece com a oposição utopia e distopia: “As distopias são habitualmente vistas não como o oposto das utopias, mas como o seu complemento lógico”, ressalta o autor.

Sou da opinião de que os termos “distopia”, “antiutopia” ou mesmo “utopia negativa” são desdobramentos vocabulares do mesmo conceito de utopia. O pessimismo apresentado pelo termo distopia ressalta uma visão negativa do futuro da sociedade humana, normalmente envolvida com avanços tecnológicos que trazem consequências terríveis para humanidade, como é o caso de *O macaco e a essência*.

Para JerzySzachi (1972, p. 119), o denominado utopismo negativo vê o mundo da mesma forma que a utopia clássica, ou seja, apresentando o mundo dividido entre o bem e o mal. Se nas utopias positivas, ocorre a comparação entre a sociedade “ideal” com a sociedade “má”, nas utopias negativas, ocorre o inverso: “Em ambos os casos o objeto de descrição é uma totalidade absolutamente homogênea: totalmente boa ou totalmente má.

O utopista positivo produz uma sociedade livre de todo mal; o utopista negativo produz uma sociedade totalmente má”.

Com um século XX desprovido de ilusões de progresso e paz (é só lembrar que os dois conflitos mundiais aconteceram na primeira metade desse século), muitos autores deixaram de acreditar nos sonhos utópicos. Nas palavras de Bertrand Russel (apud SZACHI, 1972, p. 123), “as sociedades nascidas de nossa fantasia reproduzem em dimensões gigantescas o mal ao qual nos habituamos na vida diária”. Dessa forma, afirma Szachi (1972, p. 122-123), ainda é possível visualizar a oposição clássica entre o bem e o mal, porém, somente o segundo é mostrado em toda a sua força:

Escritores como Huxley dispõem-se a protestar contra o mundo existente com um vigor que nada deixa a dever aos seus antecessores. São igualmente intransigentes contra os compromissos e concessões, mas já não possuem a fé que se tinha antes. Sentem que não lhes é permitido aceitar o mal, mas não conseguem engajar-se na propagação do bem pois este lhes parece ou algo duvidoso em si, ou uma causa condenada ao fracasso. Pertencem à família dos céticos ou à dos catastróficos. É por isto que as suas utopias negativas aparecem como opostas às antigas utopias positivas, quando no passado estas duas maneiras de encarar as coisas podiam ser complementares.

A distopia pode ser considerada, da mesma forma que é vista na utopia clássica, como um “chamamento à transformação das relações dominantes” (SZACHI, 1972, p. 123). Quer dizer, como toda utopia, ela também destrói a satisfação com o que é, revela a insatisfação com a realidade. Neste sentido, conclui Szachi (1972, p. 124), “ela faz o mesmo trabalho que os antigos projetos otimistas de sociedades ideais. Mostra um mundo dividido sempre por um ‘ou – ou’, por conflitos e escolhas fundamentais. É uma prova a mais da imortalidade do utopismo”. A

apresentação de um mundo em crise, mergulhado em um colapso ético, é a tônica do romance de Aldous Huxley que descortina uma possibilidade quase que imediata para o avanço tecnológico utilizado da forma mais perigosa possível.

### ***O macaco e a essência: a revelação de um mundo em crise***

Só no conhecimento de sua própria Essência  
Deixam de ser os homens um bando de macacos.

Aldous Huxley – *O macaco e a essência*

A Primeira Guerra Mundial teve a duração aproximada de quatro anos (1914-1918). A Segunda Grande Guerra, por sua vez, em torno de seis anos (1939-1945). A pergunta se torna inevitável: qual seria a duração de uma possível Terceira Guerra Mundial? Não é possível afirmar, mas é possível imaginar que Aldous Huxley ponderou sobre a duração e, propositadamente, estipulou-a em três dias, exatamente a metade do tempo que Deus precisou para criar o mundo e tudo que nele existe.

A terra, ou melhor, o que restou da terra é assunto que o autor inglês trata em *O macaco e a essência*, um de seus livros mais pessimista sobre a condição da vida em um futuro apocalíptico. Nele, o homem foi rebaixado ao *status* de animal, concebido, no início, como um primata dividido em ordens de acordo com a posição que ocupa na sociedade. Consequentemente, a equiparação do homem moderno a um animal geneticamente aparentado, indica a posição assumida por Huxley ao observar o avanço tecnológico e o desenvolvimento do conhecimento científico, desvirtuado de uma função elevada. São palavras do narrador:

E é quase desnecessário acrescentar que o que nós chamamos conhecimento nada mais é que uma outra forma de Ignorância – altamente organizada, é certo, e eminentemente científica, mas por isto mesmo tanto mais completa, tanto mais produtora de símios enfurecidos. Quando a Ignorância era simples ignorância, nós éramos equivalentes a lêmures, saguis e macacos urradores. Hoje, graças à Ignorância Superior que é o nosso conhecimento, a estatura do homem cresceu a um ponto tal que o menor dentre nós é agora um babuíno, o maior, é um orangotango ou até mesmo, se se alça à categoria de um Salvador da Sociedade, um legítimo Gorila. (HUXLEY, 1984, p. 45)

O que aparentemente indica uma evolução de nossa condição, pois antes a humanidade era composta por símios equivalentes a lêmures e macacos de menor porte, a Ignorância Superior, ou seja, o conhecimento que o homem moderno vem adquirindo, o posicionou acima desses primeiros símios. A crítica é embasada pela imagem de dois babuínos conduzindo dois Einsteins para que estes detonem a bomba atômica. Esses Einsteins são os cientistas, ou a ciência em si, como sinônimo de evolução. É possível também sugerir que os babuínos são os governos que estimulam os cientistas a desenvolverem armas de destruição em massa. Sem dúvida, a condição animalizada dessas personagens que iniciam a narrativa huxleana imprime uma marca profunda e visível: a humanidade mais evoluída se torna conseguintemente mais violenta, ao ponto de, por seu próprio recurso intelectual, destruir-se de forma efetiva. O excesso de modernização aponta para o surgimento de uma nova ordem social, embora esta não seja aquilo que se costuma imaginar. Isto ocorre em *Admirável mundo novo*, com o artificialismo das relações afetivas e se confirma em *O macaco e a essência*, com o retorno à barbárie. O retorno a essa condição bárbara estimula o surgimento de sentimentos primitivos da sociedade:

[O] medo elimina no homem a própria humanidade. E o medo, meus bons amigos, o medo é a própria base e fundamento da vida moderna. Medo da tão apregoada tecnologia que,

enquanto eleva o nosso padrão de vida, aumenta a probabilidade de nossa morte violenta. Medo da ciência que arrebatava com uma das mãos ainda mais do que tão prodigamente distribui com a outra. Medo das instituições manifestamente fatais pelas quais, em nossa lealdade suicida, estamos prontos a matar ou morrer. Medo dos Grandes Homens que elevamos, por aclamação popular, a um poder que eles usam, inevitavelmente, para nos massacrar e escravizar. Medo da guerra que nós não queremos e todavia tudo fazemos para desencadear. (HUXLEY, 1984, p. 57)

Conforme já antecipado, a Nova Zelândia fora poupada pela sua distância do centro do conflito e por causa de sua “pouca significância” no cenário mundial. A expedição à Califórnia objetiva buscar informações sobre a condição dos Estados Unidos após um século desde a detonação da bomba. Um grupo de cientistas de várias especialidades se reúne para a jornada de redescobrimto da América. O narrador dá ênfase à sobriedade da equipe neozelandesa, pois se não existem gênios, por outro lado, não existem ditadores e criminosos:

E estes são alguns dos sobreviventes daquele Juízo. Pessoas assaz agradáveis. E a civilização que elas representam – é agradável, também. Nada de muito excitante ou espetacular, é verdade. Não tem Partenons nem Capelas Sistinas, não tem Newtons nem Mozarts nem Shakespeares; mas também não tem Ezzelinos, não tem Napoleões nem Hitlers nem Jay Goulds, não tem Inquisições nem NKVD, não tem expurgos, pogroms ou linchamentos. Nem alturas, nem abismos, mas leite em abundância para as crianças, um QI médio razoavelmente elevado, e tudo numa maneira tranquila e provinciana, plenamente confortável, sensata e humana. (HUXLEY, 1984, p. 54)

Os americanos voltaram a um estágio precário e primitivo de sobrevivência. Violavam túmulos para obter objetos e roupas, já que as indústrias haviam sido destruídas: “E se não dispõe de maquinaria de cardação, nem de teares mecânicos, se não se tem motores elétricos para impulsioná-los nem dínamos para gerar a eletricidade”, e também, “nem



---

turbinas para rodar os dínamos, nem carvão para produzir vapor, nem altos-fornos para fabricar o aço – ora, então, é claro, para ter boas roupas é forçoso depender dos cemitérios daqueles que um dia gozaram tais vantagens” (HUXLEY, 1984, p. 70).

A volta a um estado de precariedade social e tecnológica indica a posição adotada pelo autor ao vislumbrar as consequências imediatas do desenvolvimento tecnológico no século XX. Para Huxley, a tecnologia empregada na construção de equipamento bélico chegaria ao colapso quando eclodisse o terceiro conflito mundial. Essa ideia, embora seja fictícia, é aterradora se se pensar nas consequências da utilização de armas de destruição em massa, como as armas químicas e biológicas. A visão distópica do autor inglês é o resultado imediato desse medo; a composição de um mundo em que apenas aspectos negativos se destacam confirma a ideia de que a distopia tem o mesmo caráter de projeção futurista, mesmo que este futuro seja o pior de todos. Assim, ocorre a ruptura com o *status quo* e o alerta de que a sociedade pode estar caminhando para a autodestruição.

É evidente, da mesma forma, que a projeção distópica futurística, apesar de ser fantasiosa, tem um caráter sério e um compromisso pedagógico. Explico-me: se se pensar que o romance de utopia negativa antecipa o destino da humanidade, caso esta continue a estimular a tecnologia para a construção de armas cada vez mais mortais, o quadro composto pelo autor, que vislumbra o pior dos mundos possíveis, alerta o leitor para o perigo que este corre em virtude das ações do próprio homem. O perigo maior não são as armas, e sim aqueles que a constroem e a utilizam para o seu próprio fim:

Ao longe, além do horizonte, uma coluna de fumaça rosada eleva-se para o céu, expande-se à semelhança de um enorme cogumelo e fica flutuando no espaço, eclipsando o planeta solitário.

[...] Os babuínos estão todos mortos. Horivelmente desfigurados por queimaduras, os dois Einsteins jazem lado a lado, sob o que resta de uma macieira em flor. Não muito longe, um tanque de pressão exala ainda o seu mormo ativado. (HUXLEY, 1984, p. 58)

A descrição do narrador dos momentos que se seguem à detonação da bomba atômica e da destruição dos seres humanos no século XX, embora seja fictícia, não é fantasiosa: a humanidade já assistiu a explosão das bombas que destruíram Hiroshima e Nagasáqui, do cogumelo que se eleva ao céu e dos efeitos imediatos da proliferação da fumaça mortal.

Esta mesma cena é descrita em *O macaco e a essência*:

Impelida por uma súbita rajada de vento, a neblina pestilenta até então estagnada avança silenciosamente, projeta uma espiral de vapor cor-de-rosa redemoinhando por entre as flores de macieira, depois desce para engolfar os dois vultos prostrados. Um grito sufocado anuncia a morte, por suicídio, da ciência do século vinte. (HUXLEY, 1984, p. 59)

Um século depois da explosão, os sobreviventes ainda sentiam os efeitos da exposição prolongada aos elementos químicos radiativos. As crianças com deformações genéticas eram mortas, o que, de certa forma, lembra o controle de natalidade sugerido por Platão em *A república*. A “Coisa”, ou seja, o momento da destruição do mundo provocou uma mudança radical na ordem social e religiosa. Não existia mais Deus. Este fora substituído por Belial. Para os californianos, Belial era o responsável por suas vidas, o “descridor” do mundo e o grande algoz de todos. Por traz dessa alusão a um ser demoníaco, existe uma forte crítica ao comportamento do homem, o principal agente da destruição.

No diálogo entre o Dr. Poole e Loola, a moça explica a influência de Belial que transformou suas vidas e o cientista tenta demonstrar que as consequências da destruição da sociedade podem ser atribuídas ao homem:

– Não, não – exclama ela impaciente. – Estou falando da Purificação da Raça.

– Da Raça?

– Bolas, os seus sacerdotes não deixam as crianças deformadas continuar vivendo, deixam?

Há um silêncio; o Dr. Poole rebate com outra pergunta.

– Nascem muitas crianças deformadas aqui?

Ela acena afirmativamente.

– Desde a Coisa... desde quando Ele passou a mandar.

Ela faz o sinal dos cornos: – Dizem que antes disso não havia nenhuma.

– Alguém já lhe falou sobre os efeitos dos raios gama?

– Raios gama? Que é um raio gama?

– É a causa de todas essas crianças deformadas.

– Você não está tentando sugerir que não foi Belial, está? – Seu tom é de indignada suspeita; ela o encara como São Domingos poderia ter fiado um herético albigense. (HUXLEY, 1984, p. 79)

Sob o ponto de vista do romance, a barreira que separa o homem de Belial é mais tênue do que se poderia imaginar. Na verdade, essa barreira não existe, conforme palavras do próprio Arquivigário de Belial, um dos homens mais eruditos do grupo de sobreviventes e o grande líder de todos. Na verdade, a figura do diabo, presente na vida dos americanos, está intimamente ligado ao coração do homem, como se a alma humana aí representada fosse a “verdadeira” morada do diabo. O Arquivigário explica sua concepção para o dr. Poole:

– Lentamente a princípio, depois com ímpeto avassalador, o homem arremete contar a Ordem das Coisas. [...] – Com parcelas cada vez maiores da espécie humana cerrando fileiras

atrás de si, o Senhor das Moscas, que é também a *Varejeira no coração de cada indivíduo*, inaugura sua marcha triunfal através do mundo, do qual muito pronto tornar-se-á o soberano indiscutido. (HUXLEY, 1984, p. 110-111, ênfase acrescentada)

Se o mundo do século XXI está configurado da pior forma possível, isso significa que todos os elementos que o compõem, e aqui incluo o homem, compartilham do mesmo significado. Minha dedução é facilmente confirmada pela conjuntura dessa sociedade agonizante: o Dia de Belial, o dia em que ocorreu a detonação da bomba, com o fim da civilização e o início da barbárie, é consagrado para a procriação controlada, embora essa ocorra de forma descontrolada, pois é permitida múltiplas relações com múltiplos parceiros. A democracia demoníaca impede que ocorra qualquer manifestação de afetividade em outros dias além daquele destinado a essa prática. A reprodução é controlada, da mesma forma, em virtude da tentativa de preservação da espécie. Assim, os rebentos que apresentarem alguma deficiência genética são sacrificados, o que lembra, de certa forma, um genocídio humano.

O Arquivigário defende que duas ideias foram predominantes na construção do mundo e na tessitura social: o progresso e o nacionalismo. Ele lembra que ambas as ideias foram “incutidas” por Belial. Quanto ao progresso, o Arquivigário explica:

Progresso – a teoria de que você pode receber algo a troco de nada; a teoria de que você pode ganhar num terreno sem pagar pelo seu ganho num outro; a teoria de que só você compreende a significação da História; a teoria de que você sabe o que vai acontecer daqui a cinquenta anos; a teoria de que, em oposição a todas as experiências, você pode prever todas as consequências das suas ações presentes; a teoria de que a Utopia se encontra um passo à frente e, desde que fins ideais justificam os mais abomináveis meios, é seu privilégio e seu dever roubar, defraudar, torturar, escravizar e assassinar todos aqueles que, na sua opinião (que é, por definição, infalível), obstruem a marcha avante para o paraíso terrestre. Lembre-se

daquela frase de Karl Marx: “A Força é a parteira do Progresso.” Ele poderia ter acrescentado – mas por certo Belial não queria mostrar as cartas nessa fase inicial dos preparativos – que o Progresso é a parteira da Força. Duplamente a parteira, pelo fato de que o progresso tecnológico fornece aos homens os instrumentos de destruição cada vez mais indiscriminada, enquanto o mito do progresso político e moral serve de pretexto para o uso desses meios até o último limite. (HUXLEY, 1984, p. 114-115)

Quanto ao nacionalismo, ele afirma:

Depois houve o Nacionalismo – a teoria de que o estado do qual por acaso você é súdito é o único deus verdadeiro, e de que todos os outros estados são deuses falsos; de que todos esses deuses, quer verdadeiros, quer falsos, têm a mentalidade de delinquentes juvenis; e de que cada conflito por prestígio, poder ou dinheiro, é uma cruzada pelo Bom, pelo Verdadeiro e pelo Belo. O fato de que tais teorias tiveram, num dado momento da História, a ser universalmente aceitas é a maior prova da existência de Belial, a maior prova de que, por fim, Ele ganhou a batalha. (HUXLEY, 1984, p. 115)

As duas forças motrizes da sociedade foram as grandes responsáveis pela sua própria destruição. As palavras do Arquivigário servem como um vaticínio, um alerta para a nossa sociedade. Na época da publicação do romance, em 1948, o mundo estava entrando na Guerra Fria, período este de grande turbulência e perigo constante de guerra nuclear. A crítica dessa personagem espelha a crítica do próprio autor uma vez que Aldous Huxley foi um grande analista da sociedade no século XX. O progresso tecnológico oferece o instrumento de destruição, a bomba; o nacionalismo, como o norte-americano ou soviético, por exemplo, impulsiona a sua construção, estimula a descoberta de novas tecnologias e, como acontece no início de *O macaco e a essência*, pode se tornar o agente da autodestruição. Desse quadro intimidante, surge o significado da narrativa: a essência do homem é bestial, a de um babuíno, a de um primata superior, o que não significa ser inteligente. E essa essência leva o homem

ao seu próprio aniquilamento. Em tempos atuais, com a constante ameaça de guerra por parte da Coreia do Norte, é possível concluir que o perigo pressentido por Huxley, há mais de meio século, continua sendo real.

Nessa conjuntura distópica, o progresso tecnológico tem como correlato o retorno do homem ao *status* de animal, à um período de barbárie. De acordo com o Arquivigário, o surgimento de nações, igrejas e partidos políticos foram o estopim para a desconstrução do mundo moderno:

Se eles tivessem ficado no pessoal e no universal, teriam estado em harmonia com a Ordem das Coisas, e o Senhor das Moscas estaria liquidado. Mas felizmente Belial teve aliados em quantidade – as nações, as igrejas, os partidos políticos. Ele se aproveitou dos seus preconceitos. Ele explorou as suas ideologias. Ao tempo em que foi produzida a bomba atômica, Ele tinha os homens de volta ao estado mental anterior a 900 a.C. (HUXLEY, 1984, p. 158)

Uma outra essência atribuível ao homem e que se torna perceptível no romance é a do parasitismo, da relação perigosa e mortal entre o ser humano, o parasita, e o planeta Terra, seu hospedeiro. A detonação da bomba atômica há um século, com a proliferação dos gases pestilentos e da radiatividade, deixou o solo infértil e pouco propício à agricultura. O dr. Poole, especialista em botânica, alerta:

– Na verdadeira simbiose – está ele dizendo – existe uma relação mutuamente benéfica entre dois organismos associados. A característica peculiar do parasitismo, por outro lado, é que um organismo vive às expensas de outro. Ao cabo, esta relação unilateral resulta fatal para ambas as partes; pois a morte do hospedeiro não pode senão redundar na morte do parasita que o matou. A relação entre o homem moderno e o planeta do qual, até tão recentemente, ele se considerou o senhor, foi não a de parceiros simbióticos, mas a que existe entre a tênia e o cão infestado, entre o fungo e a batata pragada. (HUXLEY, 1984, p. 149-150)

A análise do especialista em botânica estimula uma reflexão profunda do papel do homem no globo e sua relação com o planeta. Nesse aspecto, o romance distópico, mais do que criar um mundo pior do que o atual, como contrapartida para a ideia de utopia, funciona como uma narrativa pedagógica, por representar as consequências de nossos atos. O vislumbrar de um futuro aterrorizante, fruto de nossas próprias ações, não anula a ideia de utopia, ainda presente em nossa sociedade. A utopia negativa é uma contrapartida desejável, um alerta real do poder de destruição do homem. Essa é a grande mensagem de *O macaco e a essência*.

### Referências

CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre utopia**. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252008000500003&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252008000500003&script=sci_arttext)>. Acesso em 15 Jun 2012.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In:\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

FROTA, Adolfo José de Souza. **Reflexões sobre o pessimismo distópico em A estrada, de Cormac McCarthy**. Disponível em: <<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/13%20-%20REFLEX%C3%95ES.pdf>>. Acesso em 15 Jun 2012.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Lino Valandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2010.

HUXLEY, Aldous. **O macaco e a essência**. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

---

JACOBY, Russel. **Imagem imperfeita:** pensamento utópico para uma época antiutópica. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia.** Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MORE, Tomás. **A utopia.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martin Claret, 2005.

*ONLINE ETHIMOLOGY DICTIONARY.* Disponível em <<http://www.etymonline.com/>

[index.php?search=dystopia&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?search=dystopia&searchmode=none)>. Acesso em 05Fev 2013.

SZACHI, Jerzy. **As utopias ou a felicidade imaginada.** Tradução de Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

PLATÃO. **A república.** Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.